

Uma Estratégia para a Península Coreana: Além da Crise Nuclear

Coronel David S. Maxwell, Exército dos EUA

A COMUNIDADE internacional inteira encara uma crise dupla na Península Coreana — a comemoração dos 50 anos da aliança entre a República da Coreia e os EUA e o desenvolvimento do programa de armas nucleares na República Democrática Popular da Coreia. Todos estão atentos às “conversações dos seis países”, que incluem os EUA, a República Democrática Popular da Coreia, a República da Coreia, o Japão, a China e a Rússia, para decidir se a República Democrática Popular da Coreia tornar-se-á membro do “clube nuclear” e se existe a possibilidade de que irá fornecer capacidades nucleares a estados rebeldes e a organizações terroristas não estatais.

Esta crise é apenas um dos problemas existentes na dividida Península Coreana. O mundo encara esta ameaça por causa do Regime da Família Kim, estabelecida por Kim II Sung e agora encabeçada por seu filho Kim Jong II.¹

A Questão Coreana

Os Estados Unidos precisam tomar duas medidas para impedir um conflito e ajudar o povo na Península Coreana a resolver a “questão Coreana”.² A primeira prioridade seria reparar o relacionamento entre parceiros da aliança para assegurar que exista uma capacidade defensiva eficiente para dissuadir um ataque por parte da República Democrática Popular da Coreia, derrotar um ataque do Norte caso falhe a dissuasão e responder ao caos e à instabilidade que provavelmente resultariam com o colapso do Regime da Família Kim.

O problema com a aliança foi evidente quando o Presidente George W. Bush decidiu não visitar a República

da Coreia durante a Cúpula de Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (*Asia-Pacific Economic Cooperation Summit*) na Tailândia em 2003.³ Essa situação deve ser corrigida. Com uma aliança forte, os EUA e a República da Coreia poderiam se concentrar em usar os elementos de poder nacional da aliança para desenvolverem e executarem uma estratégia combinada e sincronizada para chegarem a um acordo mútuo. Esta estratégia combinada teria que satisfazer os seguintes objetivos:

- Prevenir o conflito ou o colapso do regime até que a República da Coreia esteja pronta para a reunificação.
- Gerenciar crises de curto prazo causadas pelo Regime da Família Kim assim como suas tentativas de usar da provocação e extorsão para conseguir concessões políticas e econômicas.
- Preparar a população no Norte para a eventual reunificação.

Esta abordagem presume que nenhuma combinação de coerção ou engajamento causaria que o Regime da Família Kim alterasse as suas metas ou mudasse o seu comportamento; que as negociações entre os seis países fracassassem no final; e que os esforços dos EUA, da República da Coreia e da ONU não resultariam em um acordo pacífico da questão coreana. Essa estratégia não conflitaria com quaisquer tentativas de negociar ou de tentar mudar o comportamento do regime para aceitar os objetivos dos aliados e das potências principais. De fato, uma grande parte dessa estratégia depende da negociação, conversas e engajamento. Se as previsões forem falsas e a República Democrática Popular da Coreia concordar e se tornar um membro normal da comunidade internacional, o resultado será a paz e a

estabilidade, com a República Democrática Popular da Coreia e a República da Coreia coexistindo durante um período indefinido, o que é pouco provável.

Michael O'Hanlon e Mike Mochizuki, autores de "Crise na Península Coreana" (*Crisis on the Korean Peninsula*), presumem que a República Democrática Popular da Coreia mudará de comportamento e será persuadida a abandonar o seu programa de armas nucleares.⁴ Eles argumentam que uma abordagem exaustiva dos assuntos deve ir além do programa nuclear para pôr fim ao programa nuclear da República Democrática Popular da Coreia. David Kang e Victor Cha, autores de "Coreia do Norte Nuclear: Um Debate sobre Estratégia

Acadêmicos e peritos da mídia perguntam como um país falido como a República Democrática Popular da Coreia pode fazer quase tudo, menos se esforçar em reformas econômicas. Como pode um país que não consegue alimentar o seu povo embarcar em um projeto ambicioso e caro da envergadura do desenvolvimento de armas nucleares? A resposta está na armadilha que o regime preparou para si mesmo em basear a sua legitimidade sobre a ideologia Chuche e o endeusamento de Kim Il Sung.

gias de Engajamento" (*Nuclear North Korea: A Debate on Engagement Strategies*) adotam uma abordagem diferente. Kang atenua a ameaça nuclear da República Democrática Popular da Coreia, mas Cha adota uma linha dura. Ambos concordam que para chegar à resolução torna-se necessário o engajamento. Eu sinto que a suposição de que o Regime da Família Kim irá mudar o seu comportamento e voltar atrás após 55 anos de uma estratégia constante é falha. Porém, muitos dos elementos nos livros têm mérito e deveriam ser incorporados a uma nova estratégia.

Para compreender porque a República Democrática Popular da Coreia não mudaria a sua atitude, devemos compreender a natureza do regime e a sua estratégia. Quando tentam recomendar uma estratégia, a maioria dos estrangeiros viola o ditado de Sun Tzu que diz "conheça o seu inimigo e conheça a si mesmo."⁶ Sem entender a natureza fundamental do Regime da Família Kim, os estrangeiros fracassam em suas tentativas de negociar com a República Democrática Popular da Coreia no sentido convencional, onde as negociações são feitas em boa fé e com algum semblante de transparência e clareza.

O livro de Adrian Buzo sobre o Regime da Família Kim, "Dinastia da Guerrilha: Política e Liderança na

Coreia do Norte" (*The Guerrilla Dynasty: Politics and Leadership in North Korea*), descreve como Kim Il Sung consolidava o seu poder para se tornar o Grande Líder:

No percurso desta batalha contra oponentes facciosos, Kim, pela primeira vez, começou a enfatizar o nacionalismo como um meio de obter o apoio do povo para com os enormes sacrifícios que seriam necessários para a recuperação pós-guerra. Foi um nacionalismo que se formou primeiro no ambiente do movimento guerrilheiro anti-Japão e que se desenvolveu em um credo através da destruição de ambas as forças nacionalistas não comunistas e de grande parte da tradição intelectual esquerdista dos comunistas domésticos. O nacionalismo de Kim não foi inspirado na História da Coreia, nem tampouco em realizações culturais do passado, pois o estudo aprofundado sobre a história e a cultura tradicional em pouco tempo deixou de existir na República Democrática Popular da Coreia. Ao invés disso, o nacionalismo dela foi inspirada na visão espartana dos antigos guerrilheiros da Manchúria. Era um nacionalismo duro que subsistia em injustiças passadas e em promessas de retaliação para 'traidores nacionais' e seus patrocinadores estrangeiros. O nacionalismo da República Democrática Popular da Coreia enfatizava a 'pureza' de tudo o que era coreano contra a 'contaminação' de idéias estrangeiras e inculcava na população um temor e animosidade contra o resto do mundo. Acima de tudo, o seu nacionalismo enfatizava que o ideal da guerrilha não era apenas o supremo, mas também a única base legítima para reconstituir uma Coreia reunificada."⁷

Chuche (auto-dependência)

É importante compreender a filosofia singular *Chuche* de Kim Il Sung. *Chuche* é uma ética de Confúcio na qual a sociedade coreana tem se baseado, mas que tem se tornado um método de controlar a população na Coreia do Norte. Elevada a uma estatura de religião, a *Chuche* ensina que dar a vida pela pátria garante a imortalidade. Na filosofia *Chuche*, o Regime da Família Kim foi endeusado.⁸

A *Chuche* pode ser mais bem entendida como um "absolutismo do amado líder", termo cunhado por Hwang Jang Yop, que desertou do Norte em 1997. Yop na verdade havia desenvolvido o conceito da *Chuche* para Kim Il Sung, mas depois que desertou, escreveu, "O motivo fundamental de porque os direitos humanos estão sendo transgredidos na Coreia do Norte é encontrado na ditadura do "absolutismo do amado líder". Não pode haver direitos humanos para o povo da Coreia do Norte quando a maior moralidade e a mais absoluta lei são: dar o corpo e a mente ao Amado Líder; e viver como o escravo que obedece completa e incondicionalmente ao mesmo – trata-se do único meio de vida permitido ao povo norte-coreano."⁹



Departamento de Defesa

Guardas do Exército Popular da Coréia marcham em direção aos seus postos na Área de Segurança Combinada de Panmunjom.

A ideologia *Chuche* do “absolutismo do amado líder” e a mentalidade de guerrilha são os princípios fundamentais da República Democrática Popular da Coréia e os conceitos com os quais o Regime da Família Kim obtêm legitimidade. Quando se comparam essas idéias com o sistema de mercado livre e a semi-democracia da República da Coréia, é fácil observar como os dois sistemas são mutuamente exclusivos. Para a República Democrática Popular da Coréia, a reunificação é um jogo de soma zero, (onde o que se ganha é equivalentemente proporcional ao que se perde – neste caso, o povo é quem perde.)¹⁰

Quatro simples conceitos ou objetivos nacionais resumem a estratégia da República Democrática Popular da Coréia:

1. A sobrevivência do Regime da Família Kim – um interesse nacional vital.
2. A reunificação da Península Coreana – um fim estratégico.
3. O reconhecimento da República Democrática Popular da Coréia como poder mundial – um objetivo estratégico.
4. A remoção ou neutralização das forças dos EUA da Península Coreana – uma condição necessária para alcançar o fim estratégico.

A República Democrática Popular da Coréia tem seguido esta estratégia desde 1948. A sobrevivência

do regime é de suma importância e ele toma todas as decisões. A reunificação sob o sistema da República Democrática Popular da Coréia assegura a sobrevivência do regime. O regime tem procurado ser o líder do movimento não alinhado e tanto Kim Il Sung como Kim Jong Il têm demonstrado que querem que a Coréia do Norte seja reconhecida como um poder mundial. Finalmente, porque a reunificação sob o controle do regime só poderá ocorrer por meio da força de armas, a República Democrática Popular da Coréia precisa que as forças dos EUA se retirem ou sejam neutralizadas para que ela possa ter a correlação de forças necessárias para ser bem sucedida.¹¹

Acadêmicos e peritos da mídia perguntam como um país falido como a República Democrática Popular da Coréia pode fazer quase tudo, menos se esforçar em reformas econômicas. Como pode um país que não consegue alimentar o seu povo embarcar em um projeto ambicioso e caro da envergadura do desenvolvimento de armas nucleares? A resposta está na armadilha que o regime preparou para si mesmo em basear a sua legitimidade sobre a ideologia *Chuche* e o endeusamento de Kim Il Sung.¹²

A República Democrática Popular da Coréia representa uma situação sem futuro ou opções viáveis. Precisa reformar o seu sistema econômico para ter auto-suficiência e assegurar a sua sobrevivência. Porém, fazê-lo poria

em dúvida a legitimidade do Regime da Família Kim, sugerindo que o sistema que Kim II Sung desenvolveu era falho e que as reformas levariam mais coreanos do norte a ficarem expostos a informações fora do círculo fechado do Regime da Família Kim, expondo o mito do regime e de sua ideologia falida. Se o regime correr o risco de um colapso iminente, poderá apelar à sua única e última opção – a de usar a força militar para reunificar a Península e assegurar a sua própria sobrevivência.¹³

Uma parte importante dos esforços da República Democrática Popular da Coréia tem sido o uso da estratégia de Sun Tzu de dividir alianças.¹⁴ Ela tem tentado tirar proveito das relações deterioradas entre a República

Como parte da normalização, os EUA deveriam reexaminar o Acordo de Armistício de 1953 (1953 Armistice Agreement) e iniciar um processo de negociação para um tratado formal para a paz, sem considerar o programa de desenvolvimento nuclear da República Democrática Popular da Coréia. Um fator-chave para influenciar o regime a negociar pode ser reconhecer que ele possui uma capacidade nuclear e que a República da Coréia, os EUA e a ONU estão dispostos a negociar um tratado de paz independentemente da capacidade nuclear que este tenha.

da Coréia e os EUA, que pioraram depois do trágico acidente em junho de 2002, durante o qual duas meninas adolescentes coreanas foram atingidas e mortas por uma viatura blindada dos EUA durante um exercício rotineiro de treinamento e pelas iniciativas americanas para deslocar as forças dos EUA mais para o sul da Península.

A República Democrática Popular da Coréia tem tentado conquistar o coração e a mente do povo da República da Coréia por meio de apoiar reuniões de família, concordando em abrir corredores econômicos e restabelecendo conexões ferroviárias entre o norte e o sul. Esses esforços têm conseguido fazer a geração dos jovens considerarem mais favoravelmente a República Democrática Popular da Coréia. O objetivo deste último é que a República da Coréia e a América concluam que os EUA não devam mais permanecer na Península.

Se a América retirar as suas forças, a República Democrática Popular da Coréia terá obtido uma importante vantagem em conseguir a reunificação em seus termos. Devido a esta estratégia, o Regime da Família Kim não negociaria em boa fé. Embora se pudesse chegar a um acordo, como por exemplo a Estrutura de Acordo de 1994 (1994 Agreed Framework) com os EUA ou o Acordo de

Reconciliação, Não Agressão e Intercâmbios de 1992 (1992 Agreement on Reconciliation, Nonaggression and Exchanges – ARNE) com a República da Coréia, o Regime da Família Kim talvez não honre os acordos que fez. De fato, o Regime da Família Kim já violou estes mesmos acordos assim como o Tratado de Não Proliferação.¹⁵

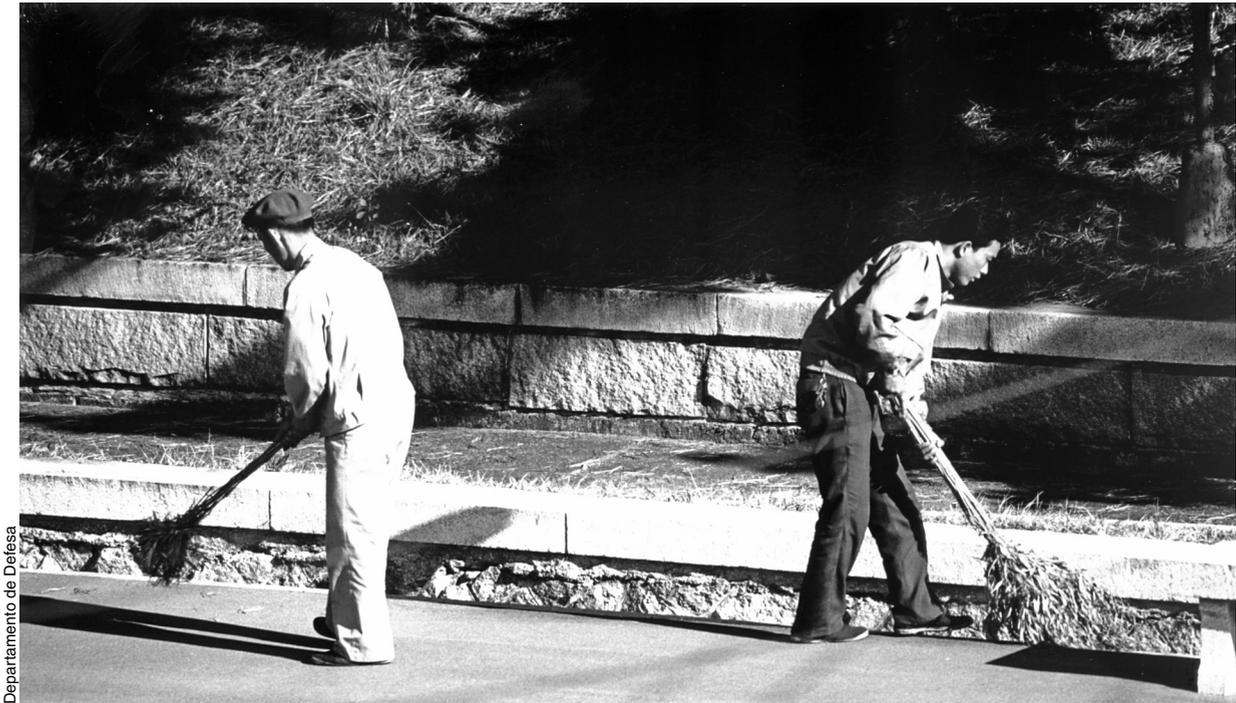
A República Democrática Popular da Coréia acredita que precisa ter armas nucleares para usar como dissuasão contra os EUA. No mínimo, uma ameaça de capacidade nuclear é uma ferramenta útil para forçar a comunidade internacional para obter concessões políticas e econômicas, o que acompanha bem a ideologia do regime. A República Democrática Popular da Coréia diz ao seu povo que os alimentos que estão recebendo da comunidade internacional são um “tributo” ao Regime da Família Kim porque suas capacidades militares são tão temidas, o que ajusta perfeitamente à sua política “militar primeiro”.¹⁶

Os EUA precisam desenvolver uma nova estratégia usando dois pontos de sabedoria do Coordenador da Política entre a Coréia do Norte e os EUA (U.S. North Korea Policy Coordinator), William Perry: “Temos que lidar com a República Democrática Popular da Coréia assim como ela é e não como desejássemos que fosse. Citando o Presidente John F. Kennedy, ‘nunca negociemos sob temor, mas nunca tenhamos temor de negociar’”¹⁷ Embora não devamos presumir que a República Democrática Popular da Coréia negociaria como gostaríamos que o fizesse, isso não significa que negociar com ela não deva ser um elemento importante da nova estratégia.

Prioridades

Qualquer estratégia que escolhermos deve dar ao Regime da Família Kim dois de seus quatro objetivos nacionais – assegurar a sobrevivência do regime e reconhecê-lo como um poder mundial. A reunificação pela força não seria uma opção e os EUA não retirariam as suas forças da Península até que se resolvesse a situação. Isso poderia ser demonstrado apenas por meio de um tratado de paz entre a República da Coréia e a República Democrática Popular da Coréia.

A primeira prioridade dos EUA deve ser a de reconstruir a sua aliança junto à República da Coréia por meio de consultas e de trabalhar para chegar a um acordo mútuo com respeito a uma solução final de longo prazo. Os EUA devem reconhecer que a República da Coréia é de importância principal para o futuro da Península e devem ter um papel-chave em determinar a solução da questão coreana, assegurando à República da Coréia que não formulará nenhuma ação unilateral na Península. A transferência de forças americanas não deve ocorrer a não ser que a República da Coréia e os EUA concordassem que a transferência apoiaria a estratégia de lidar com a



Departamento de Defesa

Trabalhadores da República Democrática Popular da Coreia.

República Democrática Popular da Coreia. Sem uma aliança forte, nenhuma estratégia terá sucesso.

A solução final declarada publicamente seria uma Península estável, segura, em paz, economicamente viável e não nuclear. A República da Coreia e os EUA devem trabalhar no sentido de obter uma Península reunificada que esteja sob uma forma de governo democrática e constitucionalmente liberal. Dados os perigos de um colapso de regime e o potencial de uma guerra, a ilusão da sobrevivência de Kim Jong II deverá continuar a existir.¹⁸ Enquanto Kim Jong II acreditar que sobreviverá e terá a possibilidade de chegar à reunificação sob os seus termos, pode ser dissuadido de atacar.

Para manter essa ilusão, os EUA e a República da Coreia devem iniciar um programa de operações de informações. Como exemplo, eles programariam uma data para a retirada de forças dos EUA para dissuadir Kim Jong II de iniciar um ataque deliberado e obter para a aliança mais alguns anos para executar a sua estratégia de longo prazo.

Por incrível que pareça, o regime precisa que haja uma forte aliança EUA/República da Coreia com uma capacidade militar na Península, para justificar a política “militar primeiro” da República Democrática Popular da Coreia, permitindo a “existência espartana” do seu povo.¹⁹ As forças dos EUA na verdade justificariam a legitimidade do regime.

Os EUA e a República da Coreia deveriam imediatamente normalizar as suas relações com a República

Democrática Popular da Coreia. Apesar de ser um regime repulsivo, normalizar relações ajuda a manter abertos os canais de comunicação. O mais importante é que a normalização de relações poderá prover, potencialmente, mais acesso ao regime e à sua população. A normalização deve ser abrangente e incluir a remoção de toda barreira ao comércio.

Como parte da normalização, os EUA deveriam reexaminar o Acordo de Armistício de 1953 (*1953 Armistice Agreement*) e iniciar um processo de negociação para um tratado formal para a paz, sem considerar o programa de desenvolvimento nuclear da República Democrática Popular da Coreia. Um fator-chave para influenciar o regime a negociar pode ser reconhecer que ele possui uma capacidade nuclear e que a República da Coreia, os EUA e a ONU estão dispostos a negociar um tratado de paz independentemente da capacidade nuclear que este tenha. Kim Jong II seria provavelmente considerado um poder mundial com grande influência. Embora pudesse ser um processo longo, acompanhando a normalização, poderia servir para manter um diálogo e acesso ao regime e, potencialmente, a muitos membros nos níveis médios e superiores do partido.

O aspecto crítico da estratégia é o engajamento incondicional.²⁰ Embora a República da Coreia tenha iniciado um modelo de engajamento econômico bastante agressivo, especialmente sob a administração de Kim Dae Jung e sua política “raio de sol” (*Sunshine Policy*), corporações dos EUA, a União Europeia, a Associação de Nações do



Departamento de Defesa

Membros da 2ª Divisão de Infantaria reabastecem o seu caminhão com água de um riacho durante um exercício químico, biológico e nuclear.

Sudeste Asiático e outros países da comunidade internacional devem autorizar e encorajar o investimento econômico. Esta estratégia tem três propósitos: manter a ilusão de que o regime pode sobreviver; o investimento econômico fortaleceria a sua habilidade de controlar a nação; e os lucros legítimos contrabalançariam atividades ilegais, tais como o tráfico de drogas e a falsificação, o que reduziria o incentivo de proliferar armas de destruição em massa.

Um investimento econômico promoveria contatos estrangeiros para o país e para a população. Inicialmente, Kim Jong II resistiria a isso e, quando houvesse demasiado contato, provavelmente causaria uma crise que causasse uma redução em investimentos e maiores contatos. Porém, com persistentes tentativas de investir na República Democrática Popular da Coreia, Kim Jong II talvez mudasse de idéia, começando a desfrutar dos lucros que fosse receber.

Mudando a Percepção

O contato com o mundo exterior poderia ser um instrumento de mudança na percepção da população e poderia fundamentar dois importantes eventos do futuro. A população vem sofrendo há muito tempo sob o jugo da ideologia *Chuche*. Se ocorrer a reunificação, o conhecimento do mundo exterior poderia facilitar o eventual processo de reintegração com a República da Coreia.

Esse conhecimento poderia prover o catalisador para o regime ficar desacreditado junto ao povo e resolver a questão coreana internamente.

Haverá grande perigo quando o Regime da Família Kim encarar o potencial de um colapso. A aliança deve continuar a planejar para o espectro de um conflito provocado por um ataque deliberado que conduzisse à guerra civil e ao caos, caso Kim perdesse a habilidade de governar. Uma força integrada, forte e bem treinada teria que permanecer na Península até a reunificação, primeiro para lidar com o conflito, depois para lidar com uma ocupação prolongada.

Ao executar esta estratégia de longo prazo, a República da Coreia teria que preparar para a reunificação, aprimorando os planos para a integração de uma população potencialmente hostil. O governo teria também que preparar-se financeiramente para arcar com os enormes custos da reunificação.

À medida que aumentasse o acesso ao mundo exterior, os EUA teriam que tentar contatar comandantes militares-chave do Exército Popular da Coreia (*Korean People's Army – KPA*), particularmente comandantes na vanguarda dos IVº, IIº, Iº, e Vº Exércitos de oeste para leste, respectivamente. Esses comandantes precisariam ter garantias por parte da República da Coreia e dos EUA. Quando recebessem uma ordem de atacar de Kim Jong II ou quando se deparassem com uma instabilidade

interna e o colapso do regime, estes comandantes teriam que receber promessas de segurança para poder manter o controle de suas forças e das armas de destruição em massa. De fato, manter a coesão entre as unidades do *KPA* seria a chave para reduzir a instabilidade que se seguisse ao colapso ou ao conflito.

A suposição fundamental é de que Kim Jong II não alteraria o seu objetivo final – a sobrevivência do seu regime por meio da reunificação da Península sob os seus termos. A única alternativa seria que o regime teria que mudar. A única maneira em que isso ocorreria seria se Kim II Sung iniciasse um ataque contra a República da Coreia ou se o povo da República Democrática Popular da Coreia fosse ele próprio provocar uma mudança de regime. Essencialmente, esta estratégia proposta foi desenhada para administrar as tensões na Península, atrasando o conflito e dando as

ferramentas ao povo coreano para permitir-lhes determinar o seu próprio destino, livrando-se do tirano que os escraviza.

Se na suposição fundamental da estratégia existissem falhas, a aliança teria que lidar com um cenário catastrófico e estar militarmente preparada para defender a República da Coreia em caso de um ataque. Do lado positivo, se o Regime da Família Kim estiver disposto a se reformar, a estratégia poderia prover um modelo, por meio do engajamento incondicional, para que isso acontecesse.

A situação na Península é perigosa e a ameaça representada por Kim Jong II é real. A aliança teria que gerenciar a situação enquanto se prepara para o destino final. Para que possa existir uma paz duradoura, o povo da República Democrática Popular da Coreia deve executar a mudança do regime. **MR**

Referências

1. Stephen Bradner, Comandante-em-Chefe e Conselheiro Especial do Comando da ONU na Coreia, usa o termo "Regime da Família Kim" (*Kim Family Regime*) extensivamente durante orientações no Comando da ONU/Comando de Forças Combinadas EUA/Coreia. Veja Bradner, "North Korea's Strategy," (A Estratégia da Coreia do Norte) apresentação no terceiro Centro/Instituto para Estudos de Segurança Nacional/ Escola de Guerra do Exército/Centro de Educação de Política de Não Proliferação (*third Nonproliferation Policy Education Center/Institute for National Security Studies/Army War College*), em Arlington, Virginia, 12-14 de junho de 2000. Veja online no <www.npec-web.org/essay/Bradner.htm>, acessado no dia 11 de maio de 2004. Para maiores informações sobre o Regime da Família Kim e sua origem, veja, de Adrian Buzo, *The Guerrilla Dynasty Politics and Leadership in North Korea* (Boulder Colorado: Westview Press, 1999); Dae-Sook Suh, Kim Il Sung: *The North Korean Leader* (Nova York Imprensa da Columbia University, 1988), e Sydney A. Seiler, Kim Il Song 1941-1948: *The Creation of a Legend, the Building of a Regime* (Lanham, Maryland: University Press of America, 1994).
2. A frase "a questão coreana" vem do Acordo do Cessar Fogo de 1953, seção IV, parágrafo. 60. Para maiores informações, veja online no <www.intellinet.org/resources/korean_war_docs/armistic.htm>, acessado em 11 de maio de 2004. A Questão Coreana se refere a uma solução política final de como o povo coreano irá escolher se governar.
3. Richard Halloran, "Bush's Skipping South Korea Points To Shaky Relations," Honolulu Advertiser, 19 de outubro de 2003.
4. Michael O'Hanlon e Mike Mochizuki, *Crisis on the Korean Peninsula* (Nova York: McGraw Hill, 2003), pp. 83-112.
5. Victor D. Cha e David C. Kang, *Nuclear North Korea: A Debate on Engagement Strategies* (Nova York: Columbia University Press, 2003), pp.161-65.
6. Sun Tzu, *The Art of War*, tradutor. Samuel B. Griffith (London: Oxford University Press, 1963), p. 84.
7. Buzo, p. 27.
8. Han S. Park, editor, *North Korea: Ideology, Politics, Economy* (Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1996), p.15. Park descreve *Chuche* como teologia. Veja também *KukPang Ilbo*, editorial, Coreia, 15 de março de 1999, p. 6. O conceito básico de *Chuche* é, "O homem rege todas as coisas; o homem decide todas as coisas."
9. Ilbo "escolhido", online no "North Korean Human Rights/HwangJong-yop, <www.chosen.com/w21data/html/news/199912/19991202034.htm>, acessado em 2 de dezembro de 1999.
10. Fareed Zakaria, "The Rise of Illiberal Democracy," *Foreign Affairs: America and the World, Debating the New Shape of International Politics, Council of Foreign Relations, 2002*, p. 137, n. 4.
11. Nicholas Eberstadt, *The End of North Korea* (Washington, DC: AEI Press), 1999, pp. 28-40. Eberstadt é um dos melhores analistas da estratégia do Regime da Família Kim; Bradner, n 2.
12. Thomas J. Belke, *Juche: A Christian Study of North Korea's State Religion* (Bartlesville, Oklahoma: Living Sacrifice Press, 1999) e "The Spirit of Human Bombs." (nenhuma informação sobre publicação dada).
13. Robert Collins, "Patterns of Collapse in North Korea," *The Combined Forces Command C5 Civil Affairs Newsletter*, Seoul, janeiro de 1996, pp. 2-12.
14. Sun Tzu, p. 78.
15. Veja online no <www.ceip.org/files/projects/npp/resources/koreaaf.htm>, acessado no dia 11 de maio de 2004. Os EUA executaram o modelo aceitado para "congelar" o programa nuclear da República Democrática Popular da Coreia nuclear em 1994. O acordo era de que ela recebesse dois reatores de água leve (*light water reactors – LWR*) até 2003; 500,000 toneladas de óleo combustível pesado por ano; e que ambos os lados avançassem à normalização total e à redução de barreiras comerciais. Veja também "Agreement on Reconciliation, Nonaggression and Exchanges and Cooperation Between the South and the North," online no <www.intellinet.org/resources/korean_war_docs/arne.htm>, acessado em 11 de maio de 2004.
16. *Northeast Asia Peace and Security Network Special Report*, "Military-First Ideology is an Ever-Victorious, Invincible Banner for Our Era's Cause of Independence," Instituição Nautilus, 11 de abril de 2003, online no <www.nautilus.org/pub/ftp/napsnet/special_reports/MilitaryFirstDPRK.txt>, acessado 11 de maio de 2004.
17. William Perry, palestra, The Brookings Institute, Washington, D.C. 24 de janeiro de 2003.
18. Coronel Rick Gribling, Chefe, Divisão de Planejamento, *CJ3*, Comando de Forças Combinadas/ Comando da ONU, Forças da Coreia/EUA, Coreia, cunharam a frase "manter a ilusão que Kim Jong II ira sobreviver" durante a sessão de planejamento da crise/ação em junho de 1997.
19. *Northeast Asia Peace and Security Network Special Report*.
20. Richard N. Haas e Meghan L. O'Sullivan, "Engaging Problem Countries," Orientação sobre política do Instituto Brookings #61, junho de 2000, online no <www.brook.edu/comm/policybriefs/pb61.htm>, acessado 11 de maio de 2004.

O Coronel David S. Maxwell é estudante na Escola Nacional de Guerra no Forte McNair, em Washington, D.C. É Bacharel pela Miami University, Oxford, Ohio, é Mestre em Artes e Ciências Militares pela ECEME/EUA, Escola de Estudos Militares Avançados. Serviu em várias posições de comando e estado-maior no território continental dos EUA e na Alemanha, Coreia, Japão e Filipinas. Sua próxima missão será como Chefe de Estado-Maior do Comando de Operações Especiais na Coreia.